

## D. Pedro, O Femeeiro

Prof. Sebastião Amoêdo

1. diz-se de ou macho que busca incessantemente a fêmea.
2. BRASILEIRISMO. BRASIL  
diz-se de ou reprodutor (touro ou garanhão) cujas crias são, na maioria, fêmeas.

A alcunha atribuída pelo Professor Eugénio dos Santos, Catedrático da Universidade do Porto, a Pedro de Alcântara de Bragança e Bourbon explicita a preferência e os excessos do jovem príncipe ao longo de toda uma vida.

Femeeiro soa mais elegante do que o vernáculo “mulherengo”, mais em uso em *terra brasilis*. O primeiro apresenta uma opção, ainda que exacerbada, o segundo conota uma certa vulgaridade. Podemos então entender que femeeiro é uma adjetivação condescendente à casa real, aos membros das Cortes, ou homens de fino trato, e mulherengo fica para os simples mortais. Há que se ressaltar, no entanto, que as titulações não diferenciam tais sujeitos da ação.

Preferências à parte, não há que se questionar a qualificação daquele cujo comportamento “roçava uma rudeza quase rural, distanciando-se dos padrões da urbanidade cortesã” (1) que teve identificados 25 filhos e deixou a dúvida se seriam de fato 40 ou mais, já que muitos pais para não serem desonrados ou colidirem com a Corte preferiam internar as filhas em conventos ou providenciar imediatos casamentos de conveniência.

Tão surpreendente produção é compreendida quando se sabe que o jovem príncipe não exercia qualquer restrição de idade, etnia, classe social ou religiosa. Suas parceiras iam da senzala ao convento, ainda que a freira Açoriana que se entreteve em seus braços, por certo tinha também sido enclausurada a força pela família, não fazendo, portanto, tanta questão em manter votos contra a luxúria.

Eugénio dos Santos nos oferece uma deliciosa narrativa a bem justificar a alcunha de femeeiro:

“Quando seu filho e herdeiro se deslocou em visita imperial a Salvador, foi abordado por uma mulher de cor, bem madura, que lhe apresentou uma mulata, dizendo: “Esta, sinhô imperadô, é sua irmã por parte de pai”. Quarentona, algo perturbada, a moça olhava o imperante. Este, calmamente perguntou. “E a mãe?” A

baiana, trajada a preceito, sorriu, mostrou a dentadura branca que contrastava com a pele negra e respondeu: “Está aqui na frente de vossa mercê!”. O jovem Pedro II olhou-as bem, abraçou-as e conferiu-lhe um benefício que lhes permitisse viverem de forma digna” (2).

Prossegue Eugénio dos Santos:

“... o prazer da conquista, a volúpia da posse, o desfrute do sexo cobiçado. Voou, como as borboletas, de flor em flor, desde as adolescentes negras e mestiças, como as da Fazenda de Santa Cruz, até às moças brejeiras da Corte, no viço da idade e da beleza, saltitando pelas mais maduras e experientes, talvez, atingindo a sua concupiscência também pessoas bem mais velhas do que ele próprio” (3).

Mas nem tudo são flores, ou, as rosas sempre trazem espinhos:

“atravessava o imperador do Brasil viela pouco frequentada de Santos, quando se lhe deparou jovem mulata de grande beleza. Em movimento rápido, de quem não queria perder a caça, embargou-lhe o passo, segurou-a pelos ombros e estalou-lhe, de surpresa, um beijo. Não tardou o revide: desvencilhando-se, respondeu a raparida com uma bofetada na bochecha do desconhecido, e escapuliu” (4).

De onde tirava Pedro tanta confiança e impetuosidade?

Análises psicomorfológicas poderiam identificar inicialmente os dotes naturais dos quais fora aquinhado: uma estatura acima da média de então, uma aparência se não exuberante, ao menos bem ao gosto feminino. No campo psicocomportamental uma incontrolável tendência à imprudência, facilmente observada nas 36 quedas do cavalo e no destemor nos campos de combate, notoriamente no cerco do Porto. Mas, uma melhor análise psicanalítica apontaria uma profunda carência afetiva:

“Pedro de Alcântara, em criança, nunca conhecera a ternura do amor. A mãe jamais lhe dispensara e o pai nunca dele se abeirou, de coração aberto. A este escasseava o tempo, àquela o sentimento maternal. As cartas que foram trocadas entre eles bem o indiciam. Com D. João tratou-se sempre de um sentimento de respeito, de filial acatamento das decisões régias, de obediência aos cânones da Corte, embora com algum distanciamento, atribuído, aliás, à interferência de certos ministros. Com D. Carlota Joaquina nunca houve proximidade. Pelo contrário. Há um maço de cartas escritas pelo filho a “Minha Mãe e Minha Senhora” (5).

Há ainda o aspecto psicoabsolutista, a sustentar a supremacia real sobre os demais vassallos, que pode ser observado desde os primórdios da Casa de Bragança, com a história da cristã nova Inês Pires Esteves, que foi amante do Mestre da Ordem de Avis e futuro Rei D. João I de Portugal (1357-1433). Nessa relação nasceu o filho bastardo Afonso I que será o primeiro Duque de Bragança. Seu neto, na sexta geração, D. João II, Oitavo Duque de Bragança, se torna D. João IV de Portugal (1604-1656), dando origem à dinastia.

Será, no entanto, o psicocultural que representará um grande diferencial no jovem príncipe. Precisamente, pelo raríssimo hábito do banho diário, possivelmente aprendido nos folgedos da Fazenda de Santa Cruz, com outras crianças e adolescentes de origem indígena.

Um príncipe alto, bem afeiçoado, poderoso, decidido, impetuoso, tido como insaciável no leito e ainda mais: cheiroso. Era difícil àquelas damas resistirem a tamanha sedução.

Ainda que volúvel nos relacionamentos, Pedro foi um pai extremoso, sempre preocupado com seus filhos, legítimos ou não, a todos tratando com desvelo, carinho e atendendo pessoalmente às suas carências infantis.

Suas cartas são de um profundo sentimento de paternidade e sofrida saudade, sempre preocupado com o futuro de cada um deles.

A todas as mulheres, ainda que em relacionamentos arrebatadores, mesmo que lhe abrissem a sua intimidade mais recôndita, a raras entregou seu coração, que só repousaria em definitivo na Invicta Cidade do Porto.

Mas uma delas deixou Pedro privado de sentidos e de inteligência. Esta “estava na idade completiva das graças femininas; nem indecisas acusações de broto, nem pendores de ramo a fanar-se” (6). Seu nome: Domitila de Castro do Canto e Melo.

Na narrativa do para sempre Reitor da Universidade do Brasil, Professor Pedro Calmon:

Suas cartas a Domitila “são gritos da sua carne exigente, a depravação, a pieguice, a candura, se permeiam de fortes e claros risos de homem feliz. O seu amor é cioso, exclusivista, rústico. Não se lhe descobre uma espiritualidade, mesmo convencional, um entendimento de almas, algum idealismo limpo de animalidade: é material, sanguíneo primitivo” (7).

Domitila o levou aos extremos da paixão, numa descontrolada aventura onde não era poupada a honra de sua mulher Leopoldina. O avaro convicto, que negava recursos advindos das cortes austríacas à sua própria esposa, e que lhe eram de direito, não poupou esforços em gastar energias e esbanjar a fortuna com sua amante e toda a sua família, arrastando seu nome na lama da opinião pública, como aquela das rústicas estradas de terra do primeiro império, onde marchavam e se aliviavam as cavalgadas.

Esse foi o momento mais lúgubre de sua vida, que lhe causaria muitas lágrimas e sofrimento após a morte de Leopoldina. Pode-se aspirar que morreu redimido, ao menos pelo espectro de sua querida esposa, aquela que teria assinado a independência do Brasil. Da. Amélia, sua segunda mulher, foi-lhe querida, mas Leopoldina jamais deixou de constar em suas memórias, senão por seus desvelos a ela dedicados, ao menos pelos arrependimentos pelos não dedicados.

Com tantas e tais razões Pedro pegou fama de femeeiro, mas, reconheçamos, fez muito mais que isso. “Julgá-lo pelo que fazia deitado equivale a julgar o americano Thomas Jefferson pelos filhos que tem com a escrava Sally Hemings”, sentencia Helio Gaspari (8).

Pela análise de Pimentel:

“Dom Pedro IV, filho de português e de hespanhola, era um d’estes temperamentos meridionais, especialmente peninsulares, impressionáveis e arrebatados, expansivo e volúveis, que contrastam com [...] as raças do norte. Creado à lei da natureza, pouco ilustrado, abandonado a si mesmo pela falta de uma prudente tutela paterna, D. Pedro IV faz lembrar as plantas silvestres que nascem sem cultura, que vivem sem resguardos e que morrem crestadas pelo sol violento ou pelas geadas intensas” (9).

D. Pedro “comandou autoritariamente homens e se deixou seduzir e arrastar por mulheres”. “A despeito de a casca poder ser grossa, a fruta era, porém, fina, como magistralmente se definiu, na carta de 13 de dezembro de 1827.

Observemos a orientação do Professor Eugénio dos Santos:

“Saboreemos-lhe o paladar, rejeitando a casca para o lixo dos tempos” (10).

- (1) SANTOS, Eugénio dos. D. Pedro Imperador do Brasil e Rei de Portugal. São Paulo: Alameda, 2015. p. 62.
- (2) Idem. p. 296.
- (3) Idem. p. 289.
- (4) SOUSA, Octávio Tarquínio de. A vida de D. Pedro I. 3 vols. São Paulo / Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.p.32.
- (5) SANTOS, Eugénio dos. D. Pedro Imperador do Brasil e Rei de Portugal. São Paulo: Alameda, 2015. p. 248.
- (6) RANGEL, Alberto. Textos e Pretextos. Tours: Typographia de Arrault e Companhia, 1926. p. 98.
- (7) CALMON, Pedro. O Rei Cavaleiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. p. 162-163.
- (8) GASPARI, Helio. O ano em que o Brasil nasceu. Rio de Janeiro. O Globo, 29.12.2021;
- (9) PIMENTEL, Alberto. A Côrte de D. Pedro IV. Porto, 1896. p. 11-12.
- (10) SANTOS, Eugénio dos. D. Pedro Imperador do Brasil e Rei de Portugal. São Paulo: Alameda, 2015. p.s 210 e 287.